

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
MARIA DE LOURDES SARAIVA SILVA

Um Estudo da (IN) DISCIPLINA NA ESCOLA: e as implicações
de uma estrutura de controle

RAS - PB,

005

MARIA DE LOURDES SARAIVA SILVA

Um Estudo da (IN) DISCIPLINA NA ESCOLA: e as implicações
de uma estrutura de controle

Trabalho apresentado como requisito para
obtenção de grau no Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a
orientação da professora Antonia Liz de
Maria Martins Torres.

CAJAZEIRAS - PB,

2005



S586e Silva, Maria de Lourdes Saraiva.
Um estudo da (in) disciplina na escola: e as implicações de uma estrutura de controle / Maria de Lourdes Saraiva Silva. - Cajazeiras, 2005.
35f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Indisciplina escolar. I. Torres, Antonia Lis de Maria Martins. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.5

DEDICATÓRIA ESPECIAL

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus que durante toda minha vida, especificamente neste percurso deu-me forças e coragem para superar os obstáculos oferecidos ao decorrer curso.

Este se realizou por contar com sua presença e seu infinito amor...

DEDICATÓRIA DE HONRA

À minha mãe, Rainunda de Silva Saraiva, incansável senhora, que partilhou diretamente com meu esforço, apoiando-me nos momentos mais difíceis, ensinando-me que o amor de mãe atravessa os mais longínquos lugares do universo para vitalizar um sonho de filho ou uma filha.

Obrigada, mamãe! Esta vitória é sua!

DEDICATÓRIA FRATERNAL

Ao meu pai, Cornélio Saraiva de Sousa, homem simples, que nunca deixou de defender seus princípios, nos ensinou que o respeito, seriedade e coragem é o caminho que nos leve a justiça e a liberdade.

Ser o que sou, é mérito seu!

DEDICATÓRIA AFETIVA

Aos meus irmãos, que sempre dividem comigo as alegrias e dificuldades e quando necessito estão comigo dando-me apoio em qualquer circunstância...

A vocês, com carinho.

DEDICATÓRIA DE AMOR

A minha linda sobrinha *Elaine* que desde que veio ao mundo, brotou-me um imenso amor de Tia.

Com amor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que tem me feito, por está presente em todos momentos da minha vida, guiando-me e dando-me forças para enfrentar as dificuldades, pois sem elas não tinha encontrado a maturidade de dispensar a companhia diária da minha família, as noites de sono, o lazer, os bate-papos, os namorados que ficaram no meio do caminho por não poder acompanhar o ritmo de uma caminhada árdua, e cansativa. Tudo em busca de um sonho que agora se realize.

A minha família que apesar da simplicidade não mediu esforços para me encorajar nas horas difíceis dessa jornada.

Ao professor Dr. José Wanderley Alves de Souza, pela ajuda, pois se não fosse o seu apoio não teria chegado à universidade com tanta aproximação.

A professora Idelzuite de Sousa Lima, que logo ao me conhecer prestou-me a sua confiança abrindo espaço para que me sentisse segura diante as minhas atividades.

A chefe do Departamento de Educação, professora Ioneida Ramalho Bueno, que deu-me a oportunidade de exercer função de monitora no Espaço Pedagógico Paulo Freire, onde se deu meu vínculo direto com a universidade.

A Rejaneide Barbosa que no decorrer do curso mantivemos a maior parte do tempo lado a lado, numa relação de amizade e companheirismo.

A todos os mestres que me acompanhou durante este percurso, em especial a minha orientadora Professora Ms Lis de Maria, pela ajuda acadêmica e sua compreensão quando falhei...

A Direção e ao corpo docente da Escola Municipal de Cajazeiras - Pb, Vitoris Bezerra, que me acolheu no momento em que eu precisava realizar o estágio.

A todos, muito obrigada!

"We don't need no education
we don't need no thought control,
no dark sarcasm in the classroom,
Eei, teacher, leave us kids alone,
All in it's just,
Another brick in the wall."

Pink Floyd - The Wall
(filme e disco)

(Tradução livre)
nós não precisamos de educação,
nós não precisamos de controle mental,
nem sarcasmos nas salas de aulas,
Ei, professor, deixe-nos garotos à sós,
afinal isto é apenas
mais um tijolo no muro.

INTRODUÇÃO

A indisciplina nas escolas vem se agravando a cada dia, prejudicando o desenvolvimento da educação e o trabalho dos educadores, este fato é hoje um dos temas que apresenta mais polêmica na educação, onde são contrariadas as regras estabelecidas pela escola.

Diante deste cenário, percebe-se que as escolas estão vivendo um momento crítico, que nelas são vividos os problemas que se faz presente em todos os aspectos da vida social. Percebendo-se claramente que as medidas adotadas não têm atingido a problemática, agindo mais para acalmar os ânimos no momento das ocorrências de indisciplina, que se apresenta não mais como um fato específico, mas como um dos mais graves obstáculos pedagógicos.

O estudo realizado teve a pretensão de analisar as dificuldades que os educadores tem encontrado a respeito da indisciplina em sala de aula e investigar que preparações didáticas pedagógicas que recebem para lidar com este problema que afeta diretamente as escolas.

Procurou-se identificar as várias formas que a indisciplina se apresenta, quais medidas são tomadas diante dos fatos sofridos e/ou vivenciados em situação escolar e quais procedimentos adotados no Projeto Político Pedagógico da escola relacionados a (m) disciplina.

Na construção deste trabalho realizando levantamentos de várias referências bibliográficas aos quais tomamos como subsídio o conceito disciplinar de Michel Foucault (1979-1987), que a disciplina é um meio que conseguem aprimorar o sujeito dentro das regras, é um procedimento vem ocorrendo desde dos antepassados. Com essas meios de controle são utilizados os mais perfeitos caminhos operacionais que impõem no sujeito uma relação consensual sem que o mesmo sinta o efeito coercitivo que lhes são utilizados.

O sistema educacional por sua vez lança um modelo homogêneo da sociedade, e a escola como instrumento do Estado procura atender-lo, disciplinando os sujeitos de acordo com as regras adotadas pelo sistema, levando insegurança de que seja o caminho correto e a falta de criatividade. Nas palavras de Paulo Freire (1989), ele diz que: "Quando passamos a fazer parte de um sistema, a prestação é tão grande para o cumprimento das normas que começamos a fazer o jogo do poder." A esse respeito Foucault (1979) questiona: "de que regras de direito as relações de poder lançam mão para produzir discursos de verdade? Em

uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos?"

Mediante o exposto, cabe a escola cumprir seu papel de formadora, que seus referenciais estimulem os sujeitos ao não indiscionamento que eles sintam-se respeitado e apoiado pela instituição de ensino e assim retribuir com respeito, não provocando desgosto entre professor e aluno.

Desta forma, faz-se necessário à realização de um trabalho que dê subsídio ao professor, para enfrentar o problema, tornando-o sujeito transformador, fazendo acreditar que pode, que tem um papel importantíssimo a desempenhar e que apesar de reconhecer seu limite acredita na possibilidade de mudança, de si e do outro.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAMPUS PARAIBA

DISCIPLINA: Uma força minuciosa do poder

No transcorrer deste trabalho, que está apoiado no conceito disciplinatório, considerando as construções conceituais de Foucault, (1979/1987), a respeito da disciplina, pode-se entender que um corpo disciplinado é aquele que está vulnerável a terceiros, que se deixa modelar adequando-se a um modelo homogêneo de sociedade e a escola como instrumento que atende pela formação dos sujeitos disciplina-los de acordo com a sistematização imposta pelo o Estado.

Pode-se entender que este sistema é exercido por um conjunto de funções de domínio que segundo Foucault, (1979:118) são "métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade," permite trabalhar com os aspectos da direção moral e intelectual que envolve as classes fundamentais da sociedade.

Desta forma, a supremacia governamental tende a submeter com a força uma relação de docilidade confundindo o sujeito a interesses afins, como diz Anísio Teixeira (1978:23) "a força e o poder de execução e realização que lhes deu o hábito de controlar o meio externo, subordinando-o aos seus fins..." este controle no entanto supõe acesso ao poder e o uso de força, compreendendo a função coercitiva através da capacidade, que promove adesão por meio que consegue aprimorar o sujeito, como bem foi enfatizado por Vianna, (1989:13), que

o entendimento do conceito de disciplina tem sido sinônimo de ordem e respeito a normas preestabelecidas por autoridades impostas ou eleitas e que, de alguma forma, nos representam, nos lideram ou nos administram, autocrático ou democraticamente, nos diferentes contextos em que vivemos e convivemos com nossos iguais.

Com esses meios de controle são utilizados os mais perfeitos caminhos operacionais que impõem no sujeito uma relação consensual. Constituído a função propriamente hegemônica.

Esse procedimento disciplinar vem ocorrendo desde os séculos XVII e XVIII nos conventos, nos exércitos, etc. segundo afirma Foucault (1987:119), que

"O momento histórico das disciplinas é o que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a

formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil.”

De fato o esquema usado no século XVIII, teve objetivo de adequar o indivíduo dentro de uma linha que pudesse trazer vantagens para certos produtores, isto é, uma ocorrência que sempre existiu, embora de forma omissa, e que só após a presença do capitalismo esta veio à tona. Neste sentido, o ponto de partida para o exercício de poder permite a compreensão deste, enquanto um conjunto de relações que se exercem permanente que permeia todo o corpo social, produzindo diferentes pontos de poder que perpassam o cotidiano social. Estudando o poder a partir das estratégias de dominação, Foucault (1979:115) nos chama a atenção para a relação entre poder e saber, calcada na disciplina:

É novo tipo de poder, que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente: esse poder não soberano, alheio à forma de soberania, é o poder disciplinar.

Desta forma, a sociedade política representa o momento da força e da coerção, enquanto a sociedade civil será constituída pela rede complexa dos elementos ideológicos, em função das classes dominantes, das quais as classes exercem a sua direção intelectual e moral, sobre a sociedade. Essas duas esferas se distinguem mais especificamente na articulação e reprodução das relações de poder. Nesse sentido as duas esferas servem para conservar ou transformar uma determinada formação que esteja de acordo com os interesses de uma classe fundamental no modo de produção capitalista. Essa noção de saturar profundamente a consciência de uma sociedade, mostra-se como fundamental para os elitistas um corpo de práticas que possam desempenhar as atividades pelos grupos que o governam.

Convenhamos que o processo disciplinar é defuzido mais precisamente pelas instituições educacionais, como foi evidenciado por Rebelo (2002:45) que

... a instituição escolar ainda é instrumento de manipulação a serviço da ideologia liberal, a maioria das escolas, ainda hoje, apresenta por meio de seus currículos os seguintes objetivos: o adiestramento, a domesticação e o condicionamento dos alunos. Para que esses recebam através da imposição os conhecimentos

que favoreçam a formação da mão-de-obra que garanta a permanência de uma minoria no poder.

Pode-se entender que a disciplina envolva o sujeito por todos os lados, desde a infância no universo escolar, na Igreja, nas famílias e assim por diante.

Foucault (1987:133), também adverte o controle relacionado ao tempo "...as disciplinas, que analisam o espaço, que compõe e recompõe as atividades, devem ser também compreendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo". Desta forma, a disciplina também é um aparelho que controlam o espaço de tempo, fazendo com que os sujeitos se submetam a compensação ou recompensação de atividades, desenvolvendo tarefas que preenchem os espaços perdidos em certos momentos de aula esse processo disciplinar é o que muitas vezes leva o aluno agir exatamente ao contrário, ou seja, indisciplinado.

Esta é uma forma que se aplica à metodologia do ensinar e aprender. Determinando o tempo e o espaço, que é adquirida de acordo com a maturidade, atribuindo o tempo conforme sua classificação. Esta forma demonstra que o indivíduo não é quem determina o seu conhecimento, mas um regulamento que mede e define o momento em que o indivíduo está pronto para executar certas atividades, tanto trabalhistas quanto estudantis, para isso, divide em séries a qualificação dos sujeitos.

Nesse processo de educação, de formação social, tanto familiar como religioso define a organização, prática de trabalho, tradição seletiva a um nível intelectual e teórico das forças que estão implicadas num contínuo fazer e refazer de uma cultura dominante efetiva, neste termo Anísio Teixeira (1978:23) afirma que "Nenhuma dessas forças se efetiva, porém sem que ele experimente antes dirigir, coordenar e comandar as próprias forças de seu desejo, do seu pensamento e do seu corpo." dependendo da realidade, se o que aprendemos fosse imposto apenas por uma ideologia, então seria uma coisa bem mais fácil de enfrentar. No entanto, há uma força poderosa que faz com que sejamos passivos, neste sentido, Foucault (1987: 143) aponta que

... O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar', ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor (...). A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumento de exercício.

O poder disciplinar estabelece no corpo uma força que por um lado aumenta a aptidão ou capacidade e por outro sujeita uma relação estrita que inverte a potência que poderia este mesmo corpo ter. A incorporação de técnicas transforma o sujeito numa espécie instrumental que realiza as atividades obedecendo a um comando.

Portanto, entendemos com Foucault a (1987) que o poder é exercido através de relações que permeiam o cotidiano dos indivíduos, atravessando e circundando em rede.

Sala de Aula: Espaço de construção de Sujeitos

Em nosso estudo queremos investigar as relações indisciplinadas dentro do espaço escolar, onde vamos questionar até que ponto a escola está coerente com sua função social, já que seu papel é de fundamental importância para a formação dos indivíduos.

A disciplina que marcou a educação até os anos 80 deixou de ter sintonia em a relação dos tempos atuais, pois sabemos que cada época tem sua maneira própria de manifestar seus sintomas. Teixeira (1978:25-26), referindo-se a 'escola nova' diz que

Com efeito, o que chamamos de "escola nova" não é mais do que a escola transformada, como se transformam todas as instituições humanas, à medida que lhes podemos aplicar conhecimentos mais precisos dos fins e meios a que se destinam.

Isto implica dizer que é necessário haver uma transformação no espaço escolar sendo que, esta, não pode abrir mão de sua responsabilidade quanto à disciplina, que ressurta é um problema bastante complexo, que envolve a formação da consciência do sujeito, de seu caráter e da cidadania.

É papel da escola implantar medidas que permitam um mínimo de equidade e participação de todos, através de idéias de igualdade, de pluralismo cultural e de justiça social no intuito de atender as condições básicas apresentadas pelos educandos. Nesta visão, diversos autores preocupado com o problema da indisciplina difundem suas obras atribuindo razões pelas quais há existência de rebeldia diante as normas utilizadas nas escolas, nesta perspectiva os autores oferecem medidas visando o problema, através de uma didática multicultural, oferecendo uma visão geral do assunto. Que por outro lado Foucault (1987:131) menciona este meio da seguinte forma:

... Por outros meios, a escola mútua também foi disposta como um aparelho para intensificar a utilização do tempo; sua organização permitia desviar o caráter linear e sucessivo do ensino de maneira, regular e contra-ponto de operações feitas, ao mesmo tempo, por diversos grupos de alunos sob a direção dos monitores e dos adjuntos, de maneira que cada instante que passava era povoado de atividades múltiplas, mas ordenadas, e por outro lado o ritmo imposto por sinais, apitos comandos impunha a todas normas temporais que deviam ao mesmo tempo acelerar o processo de aprendizagem e ensinar a rapidez como uma virtude

Nesta perspectiva vale salientar que o método que cria a multiplicidade na escola, por sua vez também contribui para que o espaço de tempo seja rigorosamente usufruído ou consumido, por parte dos professores e alunos é um processo em que quebra linha do transcurso nas matérias dadas nas aulas. É um procedimento ao qual intensifica o tempo de dadas atividades, o que faz com que os educadores e educandos não deixem de utilizar recursos que assegure o máximo de tempo possível na sala de aula, sendo rigorosamente usados as sirenas para controlar todo momento, a disponibilidade de tempo destinada a cada matéria.

Neste aspecto a prática pedagógica é organizada para cumprir uma função. Para tanto, é necessário manter sob controle as normas que se aplica em seu dia-a-dia escolar, transmitindo o saber, fazendo com que, os sujeitos compartilhem dos conhecimentos e valores.

Vale a pena falar de valores, de autoridade e disciplina na escola no intuito de restituir aos educadores a presença do seu papel formativo e educativo, a necessidade de se envolverem efetivamente, de a sua autoridade, numa linguagem partilhada de direitos e deveres com os pais e as famílias.

Espaço, Sujeito e Violência

Sendo a escola um espaço no qual é dado responsável como formador de sujeito este por sua vez, delimita os caminhos que os sujeitos devem seguir, realizando um trabalho exploratório, orientando assim, o modo, os espaços, o tempo, as relações entre os alunos, o que possivelmente gere uma reação contrária. Compreender esta situação na escola, implica

em aceitar-la como um lugar que se expressa numa extrema tensão entre forças. Como é enfatizado por Novasli (1996:14), que

Todas as vicissitudes humanas perpassam de ponta a ponta esse espaço ou tempo, vicissitudes que podem ser traduzidas em conflitos, alegrias, expectativas mal ou nunca satisfeitas, recaídas, exibicionismo, esperanças, avanços e retrocessos. Enfim tudo que é humano

Desta forma, pode-se observar que a escola apesar de ser instrumento ideológico também é um instrumento que pode sofrer conseqüências devido à relação de forças. A força sistematizada do poder e a força do indivíduo crítico e ágil. Neste sentido, Marcellino (1996:62) "a indisciplina pode ser considerada uma reação ao jogo imposto pelo professor." Essas questões merecem uma reflexão sobre a duplicidade sempre presente nas práticas sociais e que nos obriga a considerar não apenas as regras do jogo institucional, mas também outras regras que, de modo subterrâneo, perpassam o cotidiano escolar.

Neste sentido, o que poderíamos debater sobre conceitos de indisciplina e violência é que estes são indesejáveis, é que a escola, enquanto espaço de violência e de indisciplina, é percorrida por um movimento equivocado: de um lado, as ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, de outro, pela dinâmica dos seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos numa fusão provisória e conflituosa.

Para podermos dar conta de alguma forma de indisciplina que dinamizam a vida cotidiana da escola, é preciso apreender, na ambigüidade desse fenômeno, seus modos específicos de manifestação. Não é defender esteticamente a indisciplina nem defender uma escola sem regras, mas apontar a existência de uma lógica interna aos fatos que ofereça uma pista para encontrarmos alternativas pedagógicas de negociação com os conflitos.

A escola como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. A homogeneização é exercida por meio de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, os gestos e as atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos corpos uma atitude de submissão e docilidade. Vale salientar que a pluralidade das ações aí presentes não se reduz à uniformidade, o princípio da homogeneização, pois repousa numa inquietação frente à existência dos diferentes grupos.

3 - Procedimentos Metodológicos

Para cumprirmos o objetivo deste trabalho, tivemos como campo de estudo a Escola pública Municipal do Ensino Fundamental Vitória Bezerra da cidade de Cajazeiras - Pb, onde tinha como objetivos investigar a indisciplina em situação escolar, procurando entender as causas que levam o sujeito a ter um comportamento alterado e analisar as dificuldades que os educadores têm encontrado a esse respeito e como agem diante da situação.

3.1- Caracterização do Estudo

A pesquisa foi de natureza exploratória tendo em vista a necessidade de esclarecer e oferecer uma visão panorâmica relacionada a disciplina e por ser uma investigação de caráter qualitativa optamos por realizar o estudo através da aplicação de questionários, tendo como foco de interesse a disciplina escolar.

3.2- Universo da Amostra

O universo da pesquisa esteve constituído por professores da rede pública municipal de Cajazeiras.

A amostra para esse estudo, foi constituída por 06 (seis) docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vitória Bezerra.

3.3- Instrumento de Coleta de Dados

Como instrumento de pesquisa utilizamos os questionários que contêm com dez (10) questões, sendo que, sete (7) objetivas e três (3) abertas. As primeiras cinco questões foram direcionadas mais diretamente ao plano didático-pedagógico, e tinha como respostas cinco (5) alternativas, as seguintes: com certeza, nem sempre, as vezes, na maioria das vezes e nunca. Seis professores responderam estes questionários. Os professores foram codificados de p_1 a p_6 , seguindo a sequência de entrega dos questionários respondidos.

3.4 - Caracterização do Campo de Estudo

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vitória Bezerra na Av. Francisco Matias Rolim, zona norte do município de Cajazeiras. Atende a alunos de educação infantil até a segunda fase de ensino fundamental, como também a educação de jovens e adultos - EJA. Na educação infantil a escola conta com cinquenta e oito (58) alunos, trezentos e dezenove (319) alunos de 1ª a 4ª série, cento e trinta e três (133) alunos da 5ª a 8ª série e cento e sessenta e dois (162) alunos do EJA, somando assim, seiscentos e setenta e dois (672) alunos no total.

O espaço físico da escola é constituído por sete (7) salas de aula, uma (1) diretoria, cinco (5) banheiros, uma (1) cozinha, uma (1) dispensa, dois pequenos pátios para recreação e duas (2) caixa d'água.

Pelas informações obtidas a clientela que frequentam a escola, em sua maior parte pertence a classe de baixa renda, que desta forma contribuem para dificultar o bom desenvolvimento das atividades educativas.

O professor e os desafios da (in)disciplina

Conforme abordamos anteriormente a (in) disciplina na escola vem se agravando a cada dia e a esse respeito realizamos um estudo com finalidade de identificar os fatores que contribui para a existência da indisciplina e quais procedimentos é utilizados pela a escola com relação ao problema. Neste sentido, perguntamos aos professores, se a indisciplina era uma reação do sujeito contra as normas estabelecidas pela escola. Constatamos que a maioria dos professores (p₁, p₄, p₅ e p₆) não concordam com o questionamento, "a escola não controla os alunos, controla? não concordo!" (P₁).

Através desta afirmação podemos entender que os professores não percebem a escola como órgão de controle disciplinar, entretanto, compreendamos com Foucault (1979) que este controle é exercido de forma tão minuciosa que penetra na vida do sujeito sem que ele mesmo perceba a força exercida. Esse controle exercido sobre os sujeitos não acontece somente na escola, mas em outros meios, divergindo em "diferentes locais da rede social" e como bem explicita Foucault (1979:XIII). "A razão é que o aparelho do Estado é um instrumento específico de um sistema de poderes que não se encontra unicamente nele localizado, mas ultrapassa e complementa."

A escola é um instrumento que obedece a regras, e na visão dos professores, isto não desperta no aluno um (des)controle emocional ou racional de agir contrariando as regras. Confirmando as palavras de Foucault (1987-113) ao evidenciar que o meio utilizado na escola para disciplinar os sujeitos são meios eficazes: Desta forma,

"A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações." (...) A ordenação por fileiras, no século XVIII começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar;" 123 - 3º parágrafo.

Esses procedimentos são realizados com maior precisão no espaço escolar, visto que este é o meio mais eficaz para instituir normas sem que o sujeito perceba a força exercida sobre seu corpo. Nesta perspectiva, pode-se entender que a "normalização" adotada pela escola é o meio pelo qual o aluno aceita sem restrições. Neste sentido, Foucault (1979-138) afirma:

"As disciplinas são portadores de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e de soberania, mas o da regra 'natural', que quer dizer, da normalização; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito, mas o domínio das ciências humanas."

De acordo com os professores o problema da (in) disciplina parte da própria convivência do aluno em família, mas é justamente aí onde vale ressaltar a capacidade de opor-se ao controle determinado pela escola tentando, de alguma forma burlar as regras que lhe são postas também pela sociedade.

Com relação aos conteúdos utilizados na escola, perguntamos se esses era consensual as categorias envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, se esses conteúdos apresentados aos alunos os envolviam conjuntamente com os professores, de forma agradável. Os professores não concordaram questionado, que esses procedimentos não sejam necessário visto que, os alunos não são capazes de contribuir com o desenvolvimento em conjunto das atividades escolares conforme explicita o seguinte depoimento: "eles não sabem o que querem da vida, para os alunos o importante é recreio e mais nada" (p₇).

Esta afirmativa, nos leva a crer que apesar da escola hoje constituir-se como moderna, ainda vivencia experiências tradicionais, onde ainda demonstra ser a única detentora dos saberes. Nesta perspectiva, Moraes (1996:19), enfatiza que "a aristocracia da inteligência diz-nos: 'Não sabem nada, não compreendem nada, são burros, e eu, homem inteligente tento que vos (...) conduzir-vos'."

Ainda segundo os professores, não adianta realizar atividades que seja do interesse do aluno pois este não tem noção, e busca incessante não traz vantagens, porque os alunos "não sabem" o que querem. Dessa forma, os alunos correm o risco de serem rotulados de "incapazes" e por este motivo não seja trabalhado o seu desenvolvimento pessoal como bem afirma Schmidt et al (1996:33) "se o professor nada faz para superar esta condição do aluno, o poder que perpassa é negado por ele mesmo, quando acredita piamente que o aluno é mais um rótulo dentre todas as mercadorias do ensino."

Analisando, desta forma, a "inapacidade" do aluno interfere na criatividade do professor que acredita que seus esforços não serão bem sucedidos, e com isto permanecerão os alunos simplesmente rótulos. Portanto, só é capaz aquele obediente, que realiza as tarefas em prazos determinados pelo o professor é pontual, isso só acontece quando o aluno segue a ponto e vírgula os moldes do professor que Foucault (1987:186), diz em poucas palavras: "É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado." E este é o estilo do "aluno modelo", tão presente na concepção da maioria dos professores.

Com relação à situação sócio-econômica, os professores acham que na maioria das vezes o problema da (in) disciplina em sala de aula é uma questão econômica que afeta o comportamento dos indivíduos. Mas atribuem a responsabilidade aos pais, argumentando "Os pais é que são responsáveis pela disciplina de seus filhos" (P₇). "A influência do meio contribui bastante para questão disciplinar apesar de achar que a família é a principal responsável pela a rebeldia dos adolescentes" (P₄). Através dos depoimentos dos professores podemos notar que a escola tenta de alguma forma responsabilizar a família pelos atos cometidos pelos alunos, sem levar em conta fatores relevantes como as próprias expressões usadas pelas classes populares:

Desta maneira a escola acaba por selecionar o tipo de aluno adequado a ela. Como podemos notar os professores atribui o problema da (in) disciplina a um comprometimento

da família. Enquanto que Foucault (1979: 188), ressaltar que a disciplina é instrumento criado pela sociedade burguesa para manter sob controle a submissão dos corpos. Foucault (1979: 188), evidencia: “ele foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente; este poder não soberano, alheio à forma de soberania, é o poder disciplinar.”

Foucault (1987) em sua obra atribui ao espaço escolar habilidade para lidar com os sujeitos, sem que estes percebam o exercício de força sobre seus corpos, Foucault menciona que “O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumento simples: o olhar hierárquico, a sanção normatizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.” (1987:143) o que deixa explícito a participação da escola no controle disciplinar e de vigilância exercida por todos que fazem parte dela. Considerando esta compreensão Schmidt, et al (1989:34), destaca que:

“O professor e o pessoal da escola são tidos como defensores e guardiões da ordem, da normalidade formal defendida pela sociedade e consentida pela comunidade como forma de enquadrar os seus filhos – que foram confiados à escola – nos padrões desejados e exigidos pela sociedade”.

Então à escola são determinadas regras que, quando não cumprida pelo aluno este é visto como um ser (in) disciplinado. E como a escola é um instrumento responsável pela educação formal, esta tenta cumprir com maior precisão o que lhe foi conferido.

No cenário escolar a (in) disciplina é um dos fatores que vem ao longo se agravando cada vez mais, nesta perspectiva perguntamos aos professores se a (in) disciplina causaria o fracasso escolar, sem sombra de dúvida, os professores responderam com veemência “isso nem é preciso perguntar, todos sabem que a indisciplina fracassa o desenvolvimento da escola” (p2, p3, p3). Desta forma, pode-se entender que a indisciplina traz em seu bojo uma série de dificuldades, que culminam em evasão, repetência e desistência na escola. Enquanto isso percebe-se que na visão dos professores a escola está alheia a esta problemática. A este respeito Groppa (1997:106-107), evidencia que:

“no que se refere à retroalimentação imaginária da figura do ‘aluno-problema’. Tentamos demonstrar, a partir deste esboço de uma imagem/conceito obscura e ao mesmo tempo tão evidente, como os

protagonistas escolares tem se permitido capturar por expectativas que fíndam por descontextualizar e despotencializar os limites e possibilidades concretas da ação pedagógica. (...) por essa razão, não é raro que a apreensão do cotidiano escolar atual, por parte dos seus protagonistas, evoque insatisfação, insuficiência, desalento, quando não calamidade. E disso os fenômenos do erro e fracasso parecem ser herdeiros mais diretos”.

Quanto à escola, procuramos saber se esta em seu Projeto Político Pedagógico contemplava o problema da (in)disciplina, visto que, este documento é o que mostra toda caricatura da escola, é como se fosse sua identidade, seu envolvimento com a sociedade, que sua elaboração retira a centralização das decisões pedagógicas, onde poucos decide por muito como é demonstrado por Rodrigues (1992:44):

“retirar as decisões pedagógicas dos processos centralizados e autoritários: centralizados na autoridade ou numa duvidosa teoria de competência. (...) a fim de que todas a respeito da atividade educacional possam ser tomadas com a participação de diretores, especialistas, professores, pais e alunos.”

Em meio as dúvidas da existência do Projeto Político Pedagógico um dos docentes lembrou: “não lembram do mural que era exposto na escola, falando dos desafios enfrentados por eles, inclusive a indisciplina, aquilo faz parte do Projeto Pedagógico da escola.” (P₈). Todos professores com exceção de (P₁) responderam que no Projeto Político Pedagógico enfatizava propostas relacionadas à indisciplina. Durante o diálogo não ficou claro a existência do P.P.P. visto que, a maioria dos professores demonstraram que desconheciam o Projeto e responderam conforme a informação passada por (P₈). Onde contraria o que foi citado por Rodrigues, (1992:45), que o processo das decisões pedagógicas da escola deve ser descentralizado, havendo a participação de todos os segmentos. Portanto,

“Para se democratizar a escola é necessário que seja aberta à participação de amplos segmentos da sociedade, para que estes tenham voz e voto e sejam capazes de tomar decisões sobre o que acontece no âmbito da escola.”

Quando indagados com que frequência acontecia os atos indisciplinados na escola, todos com exceção de p₂, responderam que os atos de indisciplina ocorria diariamente. Para

tentar entender os motivos da ocorrência diária dos fatos indisciplinados realizamos um estudo a respeito dos dados físicos da escola. Portanto, "A escola Vitória Bezerra é de estrutura pequena e simples, contam sete salas de aula todas aglomeradas, onde relacionam-se crianças de educação infantil, jovens e adultos. Ao todo a escola atende a um total de seiscentos e setenta e dois alunos (672) alunos, todos da classe populares da cidade de Cajazeiras-PE, valendo ressaltar, que os modos da população pode ser entendido pela escola como indisciplina daí pode-se entender os motivos dos atos indisciplinados acontecer com tanta frequência. Sobre esta questão Abud, (1989:7), aborda que a ...

"criança de classes populares é considerada na escola 'sem modos', sua linguagem é considerada como agressiva, rebelde, malcriada, sem educação, quer dizer, temos que mandar embora. Se agente for levar isso a ferro e a fogo, em termos daquele conjunto de regras estruturadas na escola, você manda embora todo dia um! Então você não educa você bota pra fora."

Apesar dos professores se queixarem dos atos corriqueiros da indisciplina, em nenhum momento fizeram relatos de punições severas, o que aponta que a escola não usa método rigorosos para coibir a rebeldia dos alunos..

Quanto aos fatores sociais perguntamos aos professores quais deles mais contribuiu para (in)disciplina, por exemplo: a escola, a mídia, a família, a igreja e o contexto. Por serem aparelhos de grande influencia no meio social conforme Rodriguez (1992:18), os mencionam da seguinte forma:

"E para circular essas concepções de mundo, tais como a televisão, o rádio, o jornal, a igreja e a escola. Estes instrumentos são utilizados como instrumentos de difusão de idéias, crenças e valores que garante a manutenção da ordem social pela adesão das consciências individuais as formuladas pelos grupos detentores do poder."

De acordo com as respostas dos professores a família apresenta-se, como a principal causadora pela a existência da indisciplina, visto que, esta não educa seus filhos como deveria. Os professores demonstraram em suas opiniões que a escola nada tem haver com os comportamentos dos alunos, que a falta de educação "eles trazem de casa" e portanto, a

escola não tem como contornar a situação. Este argumento difere do que *de Sá Rodrigues* (1992:56) quando ressalta:

"Num mundo de funções diferenciadas, a escola é a instituição que deve cumprir este papel, de maneira universal, gratuita e democrática. A família pode realizar este ato educativo? Algumas sim. De maneira geral e universal, não."

O contexto social, ficou em segundo lugar. Os professores apontam o contexto social como sendo contribuintes bem próximos do problema, apesar de fazer questão de enfatizar a presença da família e quando esta não faz sua parte, o contexto social é quem contribui efetivamente na formação do sujeito. *Taveira* (1996:51), "A Cultura popular, não vai a escola; ou vai a escola da vida, cujas metas e projetos – sendo a vida mesma – nem confere diplomas, nem repete de ano a nenhum desses que tem sobrevivido."

A mídia ficou em terceiro lugar, apesar dos docentes apontarem que isso não influenciaria na formação do sujeito com tanta relevância. O que contraria a visão de *Pontes* (2001:18), que segundo ele

O receptor de televisão é atualmente o objeto mais consumido e encabeça a lista dos principais elementos que compõe o meio ambiente em nossa sociedade e constitui-se num dos principais determinantes sociais do nosso cotidiano."

A escola ficou em quarta posição, que de alguma forma interfere no comportamento do aluno, visto que, é uma instituição que lida com os sujeitos de forma direta, portanto é responsabilizada diante da indisciplina. Que segundo *Rodrigues* (1992:19), aponta que:

"E a escola, essa instituição sagrada, se converte em instrumento e vítima no processo. Como instrumento para a realização dos objetivos ideologizados pelos grupos detentores do poder de decisão, ela cumpre bem sua missão: forma consciências, prepara lideranças, difunde valores, prepara os trabalhos requeridos."

Entre estes fatores a igreja não foi relacionada como meio contribuinte para (in) disciplina.

As três últimas questões abertas foram direcionadas aos professores, a opinião deles sobre o que é ser um aluno indisciplinado, qual a reação e que tipo de experiência já foi vivenciada na escola, onde podemos averiguar o que significa indisciplinamento na perspectiva dos docentes,

Os professores (p_1 a p_6), responderam que um aluno indisciplinado é aquele que não respeita os colegas, desacata aos professores, é desobediente, não atende as solicitações dos professores e que não querem realizar as atividades escolares. Em outras formas podem ser também aqueles que frequentam a escola apenas por frequentar mas não por compromisso, que não se adaptam ao meio em que vive, não respeita o próximo, nem as regras. Para resumir o ser indisciplinado é aquele que não cumpre seus deveres não apenas como aluno, mas também como cidadão e que ultrapassa os limites impostos ao meio de convívio. São pessoas que não tem limites e regras de boa convivência.

Da forma em que os professores relatam a indisciplinamento dos alunos, nos dá a entender que a indisciplina é um ato e/ou uma omissão que contraria as regras estabelecidas pela escola.

Como também procuramos saber quais reações os professores tinham diante de uma atitude indisciplinada. Eles responderam (p_1 a p_6) que não procura confrontar, tenta ficar próximo para poder entender e "negociar" através do diálogo, esclarece acerca dos prejuízos ao tomar tal postura de comportamento tentam enquadrá-los dentro de seus direitos e deveres mantendo o diálogo com o aluno, procurando compreender seus motivos. Também reagem corrigindo-os, mostrando ou refletindo o seu erro, e apresentando caminhos para que possa ser superado. Resgindo de acordo com o comportamento do aluno, procurando dialogar e orientá-lo para não continuar cometendo o mesmo erro.

Nesta perspectiva, entendemos que os professores na medida do possível tentam contornar o problema do indisciplinamento com diálogo, mas que de alguma forma os professores confirmam a linguagem adotada pelos detentores do domínio e mencionado por de Foucault (1987), quando eles mencionam o termo: "enquadra-los".

A indisciplina na escola é um fato preocupante que vem ocorrendo nas mais diversas camadas sociais, sejam estas, por desacato aos professores, ou aos colegas, por vandalismo etc. De que modo a sua escola tem vivenciado esta experiência?

Uns responderam que de forma bastante amena, reduzida. Outros das mais variáveis maneiras. E ainda outros disseram que indisciplina que ocorre com mais frequência, já vivenciada foi desacato aos colegas e ao professor.

Com relação de como eram resolvidos os casos mais graves, eles responderam que casos levados à direção, foram são resolvidos através de diálogo diretamente com o aluno, e quando esporadicamente não resolvido, pedia-se a presença dos pais para que pudessem atingir o melhor consenso ao aluno, pois o bem-estar e a aprendizagem do aluno estar em primeiro lugar, e que a solução é enfrentamos da melhor forma possível mantendo contando com a família e tentando solucionar os problemas sem que haja prejuízo de ambas as partes.

Com relação à atitude tomada por parte dos professores diante ato indisciplinar, como está acima comentado, os professores tentam de alguma forma conciliar as duas forças, ou seja, de um lado manter o controle disciplinar da escola e do outro lado abrir o espaço para o diálogo, com os alunos e com os pais para que no final não sejam a escola e os alunos prejudicados pelo o indisciplinamento.

Análise do 1º e 2º encontro

Os estudos foram realizados na Escola pública Municipal de Cajazeiras Vitória Bezerra com os professores de 3ª a 8ª. O encontro tinha como objetivos conhecer um pouco do grupo; discutir e analisar os conceitos indisciplinados apresentados no projeto e Discutir ocorrência da indisciplina na sala de aula; identificar se os professores são subsidiados com qualificações adequadas para lidar com a indisciplina; identificar se a estrutura da escola oferece condições para que os professores possam realizar atividades diferenciadas

Os trabalhos foram iniciados com apresentação do projeto (in) disciplina na escola: um desafio constante, onde ressaltamos a relevância da temática e até que ponto esta problemática exerce sua ação sobre processo educativa e o quanto se faz necessário à compreensão e a elaboração de procedimentos que venham melhorar a relação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

De início, procuramos saber quais dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula com relação à (in) disciplina, eles abordaram com maior ênfase a desatenção através de conversas na hora das aulas. Neste sentido, Abud e Rosneu (1989:85), mencionam que: "Muitos professores sentem dificuldades em trabalhar com os alunos quando eles não estão

em silêncio, travando verdadeiras batalhas na tentativa de obter deles o comportamento dito como disciplinado..."

Vale ressaltar que a estrutura física da escola não oferece condições para que haja silêncio, visto que, as salas de aula são pequenas e aglomeradas, sem contar que fica numa Av. onde o trânsito é bem movimentado.

Os professores também relacionaram a não permanência do aluno em sala de aula, os quais, constantemente saem da sala de aula justificando que precisam tomar água, ir ao banheiro. Neste sentido, os autores Abud e Roman (1989:87-88), relatam: "Os alunos saíam para o recreio e tinham que dividir o tempo disponível entre tomar a merenda, ir ao banheiro, tomar água, etc., (...), assim que retornavam as classes, eram comuns os pedidos para ir ao banheiro ou tomar água." Desta forma, se faz necessário realizar um trabalho voltado para condições do aluno, onde o mesmo possa além de estudar também usufruir da sua vitalidade.

Os professores foram abordados sobre a preparação didática pedagógica para que eles pudessem lidar com o problema, de uma só vez os professores disseram - não! Enfatizando que em grande maioria, o problema só é visto na perspectiva do aluno, dificilmente percebe-se a situação dos professores, (p₁ e p₀), ou seja, que eles são reivindicado a entender o aluno, que aprendam a lidar com os comportamentos alterados das mesmas enquanto que eles, professores, como ser humano em nenhum momento são vistos, com uma preocupação, a esse respeito Esteve, (1993:100), aponta que: "apesar de se exigir que os professores cumpram todas essas novas tarefas, é interessante observar que não houve mudanças significativas na formação dos professores." De outra forma Rodrigues (1992:67), se posiciona questionando que "Não há como preparar alguém para o exercício da função educativa se ele não se encontra, interiormente, comprometido com essa função."

Analisando as duas afirmações podemos entender que falta empenho pela duas partes envolvidas: de um lado a sistematização da política educacional que não oferece condições didáticas-pedagógicas para que os professores tenham subsídio para desempenhar o trabalho educativo e por outro lado o próprio sujeito comprometido com a função pedagógica. Rodrigues (1992:67), ainda enfatiza: "Nenhum professor está preparado porque cursou faculdade ou a universidade, ou porque leu cinco, dez, cinquenta ou duzentos livros, ouviu um determinado número de conferências, participou de uma quantidade de cursos". Na

visão do autor, estes são meios que auxiliam o profissional em sua técnica, mas que a competência de elevar-se encontra no profissional que vai executar a tarefa.

Os professores prosseguem dizendo: "sem contar que além da baixa estima provocada por parte dos indisciplinados alunos, também a baixa remuneração contribui para o desestímulo." (p.4). No tocante a questão financeira Estava, (1995:105), menciona:

"Paralelamente à desvalorização salarial produziu-se uma desvalorização social da formação docente. (...) o professor é visto como um pobre diabo que não foi capaz de arranjar uma ocupação mais bem remunerada."

Nesta perspectiva, regue-se também as condições de trabalho, que muitas vezes a aula diferenciada não é realizada por falta de recursos físicos e didáticos.

Quando se falou nas condições de trabalho, os professores relataram as mínimas condições oferecidas pela escola e que em outros momentos tiveram que improvisar várias atividades devido à péssima situação que se encontrava a escola. E começaram a relatar um acontecimento que se deu no início do ano, tendo em vista a falta de carteiras. Durante uma semana os alunos assistiam as aulas sentados no chão, neste período os professores inovaram bastante na arte para que não fossem percebidos, nem pelos pais, nem pelos próprios alunos da escola. No entanto, durante toda semana realizaram diversas atividades como: jogos, filmes, danças, dramatizações, etc.

Diante deste relato, podemos notar que os professores usam de criatividade para desenvolver uma situação crítica, vale salientar que este tipo de atividade não desenvolvida na escola, quando esta se encontra em condições perfeitas, o que implica dizer que os professores não usam de sua criatividade para dinamizar o processo de ensino/aprendizagem através de características lúdicas como foi demonstrado em seus relatos. Nesta perspectiva, Merrellino, (1996:64), enfatiza: "No âmbito da aula de aula, enquanto a seriedade é valorizada como forma de facilitar a aprendizagem, procura-se banir o lúdico como entreve para o saber".

Diante o exposto, os professores foram indagados que tipo de reação os alunos tiveram durante este período de aulas diferenciadas, eles responderam "as melhores possíveis, inclusive a cada final de aula eles perguntavam? O que iriam fazer no dia seguinte." De acordo com o relato dos professores podemos perceber que uma forma de prender os alunos é aplicar o conteúdo e desenvolver as atividades com seus respectivos

objetivos de forma criativa, assim promover ao aluno maior possibilidade de entrosamento e recreação.

Análise do 3º e 4º encontro

Continuando as condições abordamos a questão da não permanência dos alunos em sala de aula obtivemos uma nova versão, "Não! Os alunos ficam sim, na sala de aula, realmente eles conversam, mas assistem as aulas, as vezes ficam pedindo para tomar água mas..." (p₂). Esta declaração contraria o que foi explicado anteriormente pelos professores e que se pode perceber é que este professor(a) não percebe que a inconstância dos alunos possa prejudicar as aulas, tanto que afirma: "(...), mas assistem as aulas". Os demais docentes não se pronunciaram em relação a esse questão. Nesta perspectiva, podemos deduzir que os atos indisciplinados relacionados à conversa e a permanência do aluno na sala de aula são vistos gradativamente sobre o olhar de cada professor, e cada um deles examina de acordo com sua concepção.

Percebe-se que a escola não apresenta um regimento que possibilite aos professores uma linguagem consensual que confirme ou não a existência da (in) disciplina, de forma que realmente prejudique o desempenho das aulas. Liba, (1998:120) enfatiza que "um professor tolerar meia hora de atraso enquanto outro só permite a entrada até três minutos depois de começada a aula (...) quem determina a regra é a escola. o professor a obedece, sem exceções". Enquanto que p₂ enfatizava positivamente a execução das aulas (p₁), contrariando diz: "difícil mesmo é controlar os ânimos dos alunos, eles são muito alterados tanto conversam como são responsáveis" (p₁).

Estas declarações nos deixam numa situação até certo ponto delicada, e Quem está certo? Quem está falando a verdade? Será mesmo o aluno tão indisciplinado assim, a ponto de contagiar uma aula sem que este obtenha seu objetivo de ensino? Ou ainda, outros professores lidam melhor com essa situação? O que ficou demonstrado aqui, é que cada um tem sua forma de ver a (in) disciplina. Nesta direção, Foucault, (1987:123) afirma que:

"Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, misturar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico."

Para controlar os sujeitos, a escola estabelece várias normas, que por sua vez controla as pessoas de forma que os subordina-os, adestrando-os. Para tanto, conserva o que é útil para eles (os dominantes) e bloqueia o que não lhes interessa. Vigiam, qualificam, medem, apreciam e sancionam. Estes são caminhos utilizados para conhecer e impor as condições no processo de formação social e pessoal consequentemente.

Observando a escola pode-se perceber que as aulas aconteciam normalmente o que não impede de haver barulho, o que é muito comum numa sala com trinta ou quarenta alunos. Sem contar que nesta observação pode-se verificar que o barulho acontecia apenas no momento em que as crianças eram liberadas para sair, aí sim, saíam de sala de forma tumultuosa e com gritos pareciam que estavam saindo de uma prisão, a adensidade era total.

Foram realizadas discussões que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, abordamos a necessidade de despertar no aluno o desejo de aprender (p_1) prossegue dizendo "que realmente se o aluno não tem vontade de aprender ele não se interessa pelo o aprendizado, no entanto a escola não oferece condições para que desperte esta vontade". Lembrando um dizer do prof. e escritor Dr. Dorgival G. Fernandes¹, quando em uma palestra² cita: que a aprendizagem acontece com veemência quando desperta no sujeito a vontade, a curiosidade, e o desejo de aprender algo.

Dando continuidade p_1 fez alguns comentários a respeito de que "as escolas trabalham por um modelo, tanto que o planejamento ocorre da mesma forma para todas escolas" (p_2), citando como exemplo: "as escolas da zona rural que não tem nada haver com a urbana o planejamento é o mesmo modelo, inclusive muitas vezes o professor nem conhece a turma, assim mesmo, o planejamento é realizado e pronto para ser administrado em sala" (p_2).

Está afirmativa, destaca o que foi mencionado no projeto, que a escola segue um modelo definido por um sistema maior que está ligado ao controle do Estado que lança um modelo homogêneo de sociedade e a escola como parte deste sistema tenta executá-lo em sua prática pedagógica, como bem é mencionado por Freitag, (1980:40).

É por isso que, para Gramsci, 'toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica'. E toda conceituação de educação é necessariamente uma estratégia política. Isso explica por que

¹ Dorgival Gonçalves Fernandes, é Escrito e prof. da UFCC - mestre em educação pela UFPA, Dr em Educação pela Universidade de São Carlos - SP

² palestra realizada no V seminário de filosofia, promovido faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras - FAFIC

o controle de sistema educacional constitui um momento decisivo na vida de classes.

Dando continuidade, os professores falaram que para lidar com uma situação como esta se faz necessário incentivos e motivações, pois além do comportamento dos alunos serem sensíveis para eles, a remuneração não motiva a ninguém está em sala de aula, chegando um(a) professor(a) a dizer: "muitas vezes na maioria, as pessoas está em sala de aula não porque gosta de ser professor, mas por falta de opção" (P₃). Estava (1995:105),

Mas, os tempos atuais, o 'status' social é estabelecido, primordialmente, a partir de critérios econômicos. Para muitos pais, o facto de alguém ser professor tem a ver com uma clara incapacidade de 'ter um emprego melhor', isto é, uma actividade profissional onde se ganhe mais dinheiro. Nesta perspectiva, o salário converte-se em mais um elemento da crise de identidade dos professores, (...)

"O problema é que qualquer pessoa pode ser professor enquanto que um médico ou um advogado, não pode ser qualquer pessoa o trabalho deles tem sua especificidade que só eles são capazes de atuar neste campo". (p₅).

Desta forma, é compreensivo o argumento dos professores quanto fala de substituição do profissional da educação por qualquer outro profissional, não implica dizer que o outro não tenha capacidade de atuar em sala de aula mas, que a especificidade educacional amplia a atuação didática pedagógica no processo de ensino e aprendizagem.

Os professores como que passam a ter vergonha de exercer sua autoridade para o qual está designados, uma autoridade que nada tem a ver com traços autoritários desta ou daquela personalidade, mas que emerge do próprio processo educacional e de ensino. Moraes (1996:20-21)

Análise do 5º e 6º encontro

Dando continuidade aos encontros, realizamos discussão do texto: "O ato de indisciplina" de Digiácomo, onde tinha como finalidade discutir o Estatuto de Criança e do Adolescente, onde faz esclarecimento sobre do que é assegurados à criança e o adolescente, o Estatuto de criança e do adolescente, não confere qualquer 'imunidade' a criança e adolescentes, que de modo algum estão autorizados a livremente, violar direitos de outros cidadãos...

Após a leitura do texto ficou clara a existência de lacunas de compreensão do Estatuto da Criança e Adolescente, que apesar dos professores terem acesso ao Estatuto, esses alegam o não entendimento tanto do texto do estatuto como da constituição brasileira, ou seja, não sabem fazer a leitura. "não conhecemos os direitos constitucional, apenas sabemos que é para aceitar e respeitar as crianças como elas são" (p₂).

De acordo, com a abordagem de (p₂), podemos identificar que os professores primeiro: não conhece a legislação brasileira, onde poderiam ter como base para compreender ao Estatuto da Criança e do Adolescente, a a própria regência educacional, segundo: por não conhecer a legislação, não percebe que a cada direito tem em recíprocos um dever a ser cumprido, portanto, vale ressaltar que conhecer a legislação é o ponto extremamente relevante para se ajustar aos procedimentos na escola a respeito da (in) disciplina. Ressaltamos ainda que esse procedimento, deve acontecer de acordo com as normas estabelecidas pela escola, ou seja, seu regimento e tercio: em nenhum momento foi citada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o que implica dizer que esse ponto se é do conhecimento dos professores ficou omissa ao nosso conhecimento.

No decorrer de conversa os professores alegaram a não reparação para lidar com determinada situação, isto é, com a rebeldia dos alunos. "a escola não prepara os professores para lidar com a questão (in)disciplinar para lidar com essa situação a gente tinha que ter conhecimento em direito" (p₄). Essa afirmação se refere o desconhecimento de direitos e deveres, pois ficou demonstrado que os professores desconhece todo contexto constitucional que aborda a questão educacional e social.

Também percebe-se que os professores desconhece tais recursos não por não ter acesso, mas, pela inexistência do próprio hábito de leitura, pois foi confirmado que na escola tem cópias do Estatuto da Criança e do Adolescente "aqui tem o Estatuto da Criança e do Adolescente, vem, vem e é muito livrinhos de Estatuto, aí ainda tem um bocadão" (p₂), essa foi a resposta que tivemos quando indagamos se escola tinha o estatuto da Criança e do Adolescente, pretendíamos que através disso os professores tornassem ciente diante de alguma punição ou julgamento que poderia um aluno sofrer.

Desta forma, podemos constatar que a escola usa a técnica segundo a sistematização do Estado, demonstrando a permanência do modelo tradicional. Apesar de ter lido e discutido o texto, foi dito na discussão: "É talvez nós é que estamos equivocados a respeito do Estatuto da Criança" (p₁). Diante o exposto, podemos detectar que os professores vêem através do

estatuto da criança algo que confere a imunidade e não como uma forma de assegurar a criança e ao adolescente os seus direitos, que portanto, deve se preparar para garantir esse direito.

Em um outro momento discutimos uma entrevista do professor Lino Macedo, os professores discordam do fala do professor e dizem "bote ele aqui pra ver se ele é capaz de controlar alunos daqui, bom, esse povo só tem a fala bonita" (p₂), pelas expressões dos professores, percebe-se que os mesmos realmente querem uma medida pronta e acabada para que eles mesmos não tenham que lidar com dinâmica evolutiva de criar e recriar meios para chamar a atenção do alumnado.

Continuando a discussão abriu-se espaço para que os professores falassem, em dado momento foi feita referência ao exposto por Lino, quando diz: *Cada cultura escolar e cada atividade tem em sala de aula tem uma disciplina adequada ao seu desenvolvimento.* "realmente isto é verdade, a gente percebe essa diferença, eu ensino numa comunidade bem menor do que aqui e vejo que a (in) disciplina de lá é bem menor do que aqui elas lá são mais obedientes, eu noto essa diferença" (p₃)

Conforme esse depoimento, podemos analisar de duas maneiras: primeiro com relação a cultural que essa se diferencia de acordo com a localização, por isso vale ressaltar a importância do contexto social de cada indivíduo, o quanto isso interfere na formação do sujeito e a escola deve se adequar a o contexto ao qual está inserida para que se tenha interatividade que promove uma boa relação entre os sujeitos envolvidos com o ensino e a aprendizagem.

A outra maneira de ver essa relação é da própria docilidade do aluno de uma comunidade pequena que ainda deposita no professor o seu respeito visto que, a influência moderna ainda não contagiou todo os povos, que estes permanecem tendo uma educação dita patriarcal, ou seja, algumas famílias ainda conservam em seu meio os seus valores, e sua moral, enquanto que numa comunidade mais elevada essa tende a acompanhar o ritmo desenvolvimento moderno, ou pós-moderno, assim queiras.

Apesar da entrevista de Lino Macedo ter um dado relevante com relação a indisciplina não foi notado nenhum entusiasmo por parte dos professores. Daí começam a falar dos fatores contribuintes para (in) disciplina, a família "responsabilizada" para exercer essa função disciplinar foi a primeira a ser criticada e citando um dado muito interessante.

"as crianças estão vindo para a escola por causa da bolsa escola e não pelo o estudo, os pais forçam os filhos a virarem para a escola" (p₂).

Nesta conversação os professores depõem diversos acontecimentos relacionados aos pais* desta forma, verificamos que nesta circunstância o aluno sofre sob dois aspectos, pela a questão familiar quando este é pressionado a vir a escola, não com o intuito do aprendizado, mas por uma insignificante quantia em dinheiro, que de certa forma não é para o servi-lo, já que segundo os professores, o pai é quem usufrui deste dinheiro, conforme fala (p₂) "tem pai que obriga o filho a vir para a escola só para ele pegar o dinheiro da bolsa escola e tomar de cachaça", a outra questão é a escola que apesar de reconhecer todos esses obstáculos enfrentado pelas crianças ainda permanecem sem querer entender os atos cometido na escola, depois de tantos problemas este sujeito ainda é olhado rigorosamente pelo seus professores.

Nesta perspectiva, pouco se faz para que o aluno não seja atingido psicologicamente diante tantos problemas, são muito obstáculos para um só corpinho ter estrutura para superar, enquanto isso, chega a escola tendo que ser submetido a vários exames para se adequar a escola e a sociedade hegemônica. Como foi enfatizado por Foucault (1987: 152) mencionado:

"... Duplo segundo suas aptidões e seu comportamento, portanto segundo o uso que se poderá fazer deles quando saírem da escola; exercer sobre eles uma constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos 'a subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina' para que todos, se pareçam."

Ainda tentando, justificar a questão da (in) disciplina na escola, os professores abre uma discussão reflexiva acerca dos problemas atuais, inclusive dos parlamentares que nos representa, ou seja, "os detentores da lei", "que tanto fala da justiça, das desordens e de repente estão eles envolvidos com escândalos. "Pois é, eles que fazem e refazem as leis, são assim, imagina os pobres coitados" (p₁), aqui os professores se referia a corrupção dos representantes na câmara e no senado, tentando justificar as desordem do dia-a-dia, que acaba chegando a escola através da violência, da rebeldia, mas os professores também citam, que "não são eles que tem que dar exemplo para a sociedade, a sociedade é que tem mostrar sua capacidade de integridade e da exemplo"(p₁). Visto que, não somente eles se corrompem mas, que também a população de modo geral.

No decorrer da conversa foi citado outro meio que contribui para os atos rebelde dos alunos, a mídia, especificamente a televisão, os professores este como meio que promove a (in) disciplina, "a televisão é apenas uma coisinha com relação aos acontecimentos, quem realmente está presente a todo o momento é a família". A família é citado mais uma vez como responsável pelos atos (in) disciplinares. Neste momento, foi lembrado a situação atual "mas a família hoje mal ver seus filhos devido o trabalho, antigamente as mães eram quem cuidava dos filhos e hoje todo mundo tem que trabalhar se passa fome". (p₂). Vale salientar, que com a ausência dos pais, hoje as crianças convivem mais com a tv do que com os pais.

Para auxiliar os professores a respeito de criação de regras na escola foi entregue um texto da Revista Nova Escola em que abordava uma matéria de uma escola de S. Paulo. Após a leitura do texto os professores relataram "já foi feito isso uma vez aqui na escola, que realmente deu certo. Não era como agora, eles brincavam tudo bem comportados" (p₃). E convida os outros professores para fazer novamente esse pacto com os alunos.

Para encerrar, os professores falaram do direito do aluno, que só eles tinham direito e sugere que no próximo encontro "traga alguma coisa que diga o pode-se fazer com o aluno rebelde? Que agride um professor? Se um aluno bate num professor, o professor é pra ficar quieto, vá ser besta em responder o que o aluno faz pra ver se não é o professor que sai perdendo? Por isso os alunos fazem o que quer." (p₃). Essas discussão aconteceu por criticar o Estatuto da Criança e do Adolescente e ainda diz: "No próximo encontro traga tipos de punição que possa ser sancionado aos alunos indisciplinados" (p₃).

De acordo com esta explanação, pode-se notar que os professores se preocupam bastante das punições que poderiam usar para disciplinar os alunos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Após a realização deste trabalho pode-se perceber que a (in) disciplina na escola é um fato marcante na sociedade contemporânea, que suas implicações no contexto atual responde pela crise educacional, conseqüentemente o fracasso escolar, também podemos identificar a opinião dos professores a respeito da temática indisciplina na escola, onde ficou claro que na visão dos mesmos a família é a principal responsável no aspecto disciplinar, o que tomou o problema tratado bastante polêmico. As reflexões que abordamos ao longo desse desenvolvimento não foram suficiente para subsidiar os professores em sua prática

pedagógica, em virtude da complexidade da temática em evidência, ressaltando que questões como essas devem ser submetidas constantemente a novas análises e formulações.

De outra forma, podemos identificar que o apoio didático-pedagógico oferecido aos professores através dos órgãos que compete a educação são mínimas, enquanto que "o recurso humano" escolar são cobrados diante todas situações que envolve os indivíduos, ou seja, a sociedade. Nessas condições, a escola e seus feitores tendem a ser martirizados por uma sistematização não elaborada pelos mesmos, mas pelo um grupo de intelectuais que estabelecem normas a sociedade como um todo e os professores como atores da circunstâncias tenta passar a diante conforme lhes foram ordenados.

Para isso, não os assistem aos novos sistemas da sociedade escolar, que traz em seu bojo uma série de diversificação, visto que, a escola é a fonte da formação, tanto pessoal como social, para isso necessita das condições e preparo para os professores possibilitando-os a trabalhar a sua comunidade. O trabalho educativo acontece relacionando a comunidade local com o restante do mundo e ao mesmo tempo em que forma o sujeito para o mundo a escola tem que trazer em sua essência o seu próprio meio interior, isto é, o seu próprio contexto e os fatores ambientais que interfere na formação do indivíduo.

Portanto, vale salientar que a família nestes termos também é vítima desse processo educativo mal elaborado, tendo em vista que neste contexto formativa se incluem fatores, tais como sócio, econômico, e cultural, que a partir disso se constrói as personalidades e que de alguma forma a escola como instrumento formador do sujeito contribui para esta formação exercendo seu papel que diga-se de passagem de acordo com a sistematização oferecida pelo o Estado. Vale ressaltar que enquanto a escola responsabilizar a família diante desta circunstancia nos leva crer que a situação (in) disciplinar permanecerá em seu bojo educativo.

Dentro do campo de estágio, podemos perceber que há necessidade do aprofundamento dessa temática, sendo que esse também se dá envolvendo diretamente o sujeito estudado, ou seja, o aluno, que em nenhum momento tivemos contato direto com o mesmo. Para tanto, é fundamental estudar a (in) disciplina buscando informações dos educadores e educandos a esse respeito, e até que ponto eles estão preparados para enfrentar este obstáculo. Mostrar para os professores, que o sistema não funciona sem a mediação de agentes e que a capacidade o possibilite a rever e assumir a parte que lhe cabe no exercício profissional.

Referencias bibliográfica

ABUD, Maria José Milharezi. & ROMEU, Aparecida Sônia. *A problemática de disciplina na escola: relato de experiência* In: D'Antola Arlete. (org.) *Disciplina na Escola: Autoridade versus autoritarismo*. São Paulo: EPU, 1989. – (Temas básicos de educação e ensino)

D'ANTOLA Arlete. (org.) *Dialogando sobre disciplina com Paulo Freire*. In: D'Antola Arlete. (org.) *Disciplina na Escola: Autoridade versus autoritarismo*. São Paulo: EPU, 1989. – (Temas básicos de educação e ensino)

FOUCAULT. Michel, *MICROFÍSICA DO PODER*. Organização e Tradução de Roberto Machado. – Rio De Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT. Michel, *VIGIAR E PUNIR*; Nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalheira. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e sociedade* – 4ª ed. Ver. – São Paulo: Moraes, 1980. (coleção educação universitária).

Marcelino, Nelson Carvalho. *A sala de aula como espaço para o jogo do saber*. in: MORAIS, Regis de. *Sala de aula: Que espaço é esse?* Regis de Moraes (org.) – 10ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1996.

MORAIS, Regis de. *Entre a jaula de aula ao picadeiro de aula*. In: MORAIS, Regis de. *Sala de aula: Que espaço é esse?* Regis de Moraes (org.) – 10ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1996.

NOVASKI, Augusto João Crema. *Sala de aula: uma aprendizagem do humano*. In: MORAIS, Regis de. *Sala de aula: Que espaço é esse?* Regis de Moraes (org.) – 10ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1996.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. *Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação* / Petrópolis, RJ / Vozes, 2002.

RODRIGUES, Neidson. *Da mistificação da escola à escola necessária*. – ed. – São Paulo: Cortez, 1992. – (coleção polêmicas do nosso tempo; 24).

SCHMIDT, Leide Mara et. al. *A Disciplina na sala de aula: educação ou repressão* In: D'Antola Arlete. (org.) *Disciplina na Escola: Autoridade versus autoritarismo*. São Paulo: EPU, 1989. – (Temas básicos de educação e ensino)

TAVEIRA, Adriano Salmar Nogueira. *A Sala de Aula – o lugar da vida?* In: MORAIS, Regis de. *Sala de aula: Que espaço é esse?* Regis de Moraes (org.) – 10ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1996.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. 1900-1971. *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola* – 8 ed. – São Paulo : Ed. Nacional, 1978. (Atualidades pedagógicas; v. 128).

TIBA, Içami. *Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização* – são Paulo: Editora Gente, 1998.